

A Construção Social dos Corpos: Diálogos Sobre Gênero, Classe e Raça

Luciana Codognoto da Silva¹

Alzira Salete Menegat²

Resumo: A presente pesquisa objetiva apresentar breve análise dos conceitos elaborados e dirigidos aos corpos femininos na historiografia a partir dos pressupostos de gênero, classe e raça. Procura demonstrar como a História tratou os corpos – biológico e social – e os gêneros, de maneira a enfatizar os traços que se sobressaíram em determinados períodos da historiografia para, então, buscar o entendimento das relações de gênero e de poder que permeiam o trabalho das/os sócias/os de uma Associação de Reciclagem localizada no interior do Estado de São Paulo. A metodologia está baseada no aporte teórico-metodológico de gênero e na análise de entrevistas de mulheres da referida Associação, cujos discursos remetem a continuidades, rupturas e resistências no trabalho com os recicláveis.

Palavras-chave: Classe; Corpo; Raça; Mulheres; Relações de Gênero e de Poder.

¹ Psicóloga. Mestre em História pela Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD (2011). Doutoranda em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Assis. Endereço eletrônico: lupsico.codognoto@gmail.com.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP/Araraquara. Docente do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD. Endereço eletrônico: AlziraMenegat@ufgd.edu.br.

Introdução

Este estudo tem por finalidade apresentar breve análise da História das Mulheres e das Relações de Gênero vinculadas ao mundo do trabalho, objetivando criar melhores possibilidades de compreender o cotidiano laboral e de vida de mulheres, sócias de uma Associação de Reciclagem localizada no interior do Estado de São Paulo.

No contexto pesquisado, foi observado um percentual significativo de mulheres, correspondendo a um número de 33 (trinta e três), ou seja, 75% dos 44 (quarenta e quatro) sócios/as que se fizeram presentes durante o momento de pesquisa na Associação, que abrangeu o período de janeiro de 2009 a janeiro de 2011.

Foram realizados levantamentos de trabalhos e análises sobre a temática investigada a partir do aporte teórico-metodológico de Gênero, mediante as concepções de Del Priore e Pinsky (2006), Perrot (2008) e Scott (1995). Ademais, utilizou-se um referencial bibliográfico interdisciplinar, advindo das contribuições da Sociologia e da Filosofia.

A metodologia visa ainda analisar trechos de entrevistas de caráter semi-estruturado, realizadas com mulheres da referida Associação, objetivando compreender quais sentidos e significados têm orientado as ações cotidianas femininas e masculinas, bem como as rupturas, as permanências e as resistências de gênero e de poder que permeiam o contexto pesquisado.

Gênero, Classe e Raça: revisitando os debates

O conceito de Gênero é muito recente na historiografia, surgindo mais especificamente na década de 80. Esse momento foi marcado pela experiência de ampliação das temáticas e do corpo teórico referentes às práticas políticas, históricas e sociais que marcaram os Movimentos Sociais, sobretudo o Feminista de 1960.

Segundo Scott (1995), o termo Gênero surgiu na tentativa de questionar a construção ou a suposição de uma identidade preexistente das mulheres, demarcada a partir dos traços biológicos, atribuindo um significado particular e peculiar a homens e mulheres na sociedade. Para ela, a questão da diferença dentro da diferença trouxe à tona um debate sobre o modo e a necessidade de se articular o Gênero enquanto categoria de análise e meio de teorizar a questão da diferença sexual, ou seja, o Gênero como a construção social dos sexos.

Butler (2003) ressalta a questão de Gênero enquanto significado cultural assumido pelo corpo sexuado. Designa, ainda, segundo a autora, um aparato de produção cultural, mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos:

... é o meio discursivo/cultural pelo qual a natureza sexuada ou um sexo natural é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura (Butler, 2003, p. 25).

Consideradas, durante muito tempo, apenas na dimensão privada como mães, responsáveis pela educação dos filhos e dos aspectos ligados ao lar, as mulheres foram esquecidas como integrantes do tecido social, ao serem imaginadas e representadas, em vez de descritas e contadas pela História Tradicional. É mesmo, quando existiam publicações acerca do feminino: “ignorava-se quase sempre o que as mulheres pensavam a respeito, como elas as viam ou sentiam” (Perrot, 2008, p.22).

Se, durante longos períodos, as mulheres foram retratadas e representadas na historiografia exclusivamente como mães, donas-de-casa, esposas, religiosas, bruxas ou confinadas ao espaço privado do lar e às representações que as delimitavam seres frágeis, com os Estudos Culturais e de Gênero, a categoria Mulher no singular passa a ser suprimida, de modo a surgir à categoria Mulheres no plural. Com isso, abre-se um universo mais amplo para o estudo do feminino, não mais reduzido a um modelo de sujeito universal, mas de diferentes pessoas, construídas no interior da vida cotidiana.

Outro aspecto que merece destaque refere-se à questão de classe/raça, combinação evidenciada por Saffioti, em 1976, ao fazer menção ao processo histórico e social do trabalho de mulheres pobres e negras no Brasil.

Cumprir destacar que, das 33 (trinta e três) mulheres que compõem o quadro de sócias da Associação estudada, 3 (três) autodenominaram da cor branca, 10 (dez) relataram serem pardas e 20 (vinte) se denominaram provindas da raça negra. É importante mencionar que elas auto-reconheceram serem das raças branca, negra ou parda, sem que, para isso, houvesse a intervenção/reconhecimento da pesquisadora.

Em consonância a esses fatores, Ribeiro (2004), ao fazer alusão aos dados estatísticos do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – destaca que é majoritariamente maior o número de mulheres negras desempregadas ou subempregadas em todo o país, em comparação à população masculina e branca. Ainda, segundo a autora, o racismo e a sua íntima ligação com o sexismo produzem efeitos sobre grande parte do ocultamento de mulheres negras e pobres em importantes espaços da sociedade e no processo histórico.

A esse respeito, descreveu uma das entrevistadas:

Já enfrentei preconceito em serviço por ser negra. Eu cheguei, fiz ficha e entrevista para caixa de posto de gasolina (. . .) não que eles tenham falado, mas lá não tem gente de cor. Só tinha gente branca como você. Eu achei que poderia ser por isso, porque não tinha ninguém negra trabalhando lá (P.S.F, 24 anos. Entrevista realizada em 28 de maio de 2010).

Faz-se importante salientar o paralelo antagônico estabelecido na frase “gente branca e ninguém negra”, o que vem a remeter a dificuldade da entrevistada em lidar com a questão étnica. Embora, ela se reconheça como mulher e negra, sua fala reproduz também os efeitos sociais referentes às questões de classe, gênero e raça, atuantes e interiorizados e que determinam, com bastante precisão, espaços dúbios na sociedade.

Em relação ao conceito de classe, Thompson (1992) destaca:

Por classe, entendo um fenômeno histórico. Não vejo a classe como uma estrutura, nem como uma categoria, mas como algo que de fato acontece nas relações humanas. Mais do que isso, a noção de classe contém a noção de relação histórica. (. . .) essa relação vem sempre corporificada em pessoas reais e num contexto concreto (Thompson, 1992, p. 67).

Esse processo, que tem raízes culturais e sociais e não biológicas e naturais, teve início remoto e, historicamente, tem se cristalizado na sociedade em posições equivalentes ao discurso androcêntrico e europeu. Acrescente-se a isso, que as mulheres pobres e negras operavam como mão-de-obra gratuita ou escrava, fator que permitiu a auto-suficiência das classes mais favorecidas, de modo a oferecer condições para o funcionamento do sistema econômico mais amplo e exterior à família, conforme atestam as análises de Ribeiro (2004).

Tal fato, segundo a autora, encontra-se reforçado pelas teses sobre a segmentação do mercado de trabalho, que tem direcionado às mulheres, sobretudo as pobres e negras, aos grupos de mão-de-obra secundária, caracterizados pela instabilidade, baixos salários, desqualificação profissional e invisibilidade social.

Paralelamente a esses questionamentos, há que se considerar que a redefinição de papéis sociais de gênero desponta como uma questão central nas discussões suscitadas pelo lugar que o corpo feminino tem ocupado ao longo da história. Diante disso, surgem importantes questionamentos: Qual tem sido o papel, dado ao corpo feminino, na construção social do trabalho? E, em que medida ele tem transitado da invisibilidade à contemplação da narrativa histórica das mulheres entrevistadas?

A Construção Histórica e Social dos Corpos: natureza x cultura

O corpo tem uma história e a diferença entre os sexos ocupa uma posição central e, ao mesmo tempo, inequívoca na delimitação dos espaços destinados a homens e mulheres na sociedade. Ele é representação e lugar de poder, como mostrou Foucault, em sua obra *Microfísica do Poder* (2000). Concebido como algo difuso, ele, o poder, se exerce no adensamento das relações sexuais e sexuais ao instituir a sociedade, o imaginário hegemônico e as representações que presidem a modelagem das práticas sociais e a utilização dos corpos.

Nessa perspectiva, é possível dizer que, o poder marca/adestra os corpos, na medida em que os condiciona a determinadas condutas, ao anunciá-lo sexuado e ao fazer de sua construção social uma ordem natural que impregna características peculiares e essencialistas aos sujeitos sociais.

Em suma, o corpo vai sendo adestrado e docilizado pela imposição de uma dura disciplina que se dá em virtude do que Foucault (2000) denominou de Biopolítica, isto é, a vida, tal como ela é, passa a ser tornar uma questão política, construída mediante os discursos erigidos pela família, pela Igreja e pelas ciências médicas. Trata-se da emergência dos dispositivos da sexualidade e de gênero e suas interfaces com o controle e a regulação dos corpos e seus prazeres, em nome da anedótica fantasia de segurança.

As marcas sobre os corpos, especialmente sobre os corpos femininos, refletem poderes diferenciados que produzem desigualdades de pertencimentos sociais entre homens e mulheres e que são históricas na sociedade brasileira.

Durante muito tempo, as mulheres foram retratadas como seres de corpos frágeis, puros e relegadas a um plano moral e metafísico que consistia em ser mãe, dócil e submissa. Assim, elas estiveram simbolicamente representadas como lugar, espaço e território dos debates históricos, ao invés de serem percebidas como pessoas de ação. Esses debates, por sua vez, eram fundamentados em concepções naturalistas que se propunham a ressaltar o caráter de passividade às mulheres e de atividade aos homens, de forma a reduzir os corpos sociais às zonas erógenas e possibilitar, por conseguinte, uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros, conforme atestam os estudos de Del Priore e Pnsky (2006).

No caso das mulheres catadoras, esse fato torna-se uma contradição, uma vez que o corpo torna-se o principal instrumento de trabalho com os recicláveis. Nas observações do trabalho diário das mulheres na Associação, bem como durante o período de entrevistas foi percebido o corpo como uma ferramenta essencial, e mais ainda, como o principal elemento de trabalho delas em seus contatos diários com os resíduos sólidos.

Destarte, as representações sobre maternidade, submissão, fragilidade e docilidade passam a dar lugar à realidade de vida de mulheres que buscam se inscrever histórica e socialmente através de seus trabalhos com os recicláveis. Nesse espaço, o corpo é tido como local de força e meio de sobrevivência para muitas delas, conforme apontou uma das sócias:

Nosso serviço não é qualquer um que aguenta não. Tanto é que já passaram mais de quatrocentas pessoas por aqui. Não se adaptaram ao lixo e ao cheiro. São muito fracos, acham muito pesado o trabalho aqui, porque é aquele pique direto. Quando acham uma oportunidade melhor, com emprego registrado, eles saem (M.R.P, 43 anos. Entrevista realizada em 08 de março de 2010).

Assim, quando o corpo é pensado historicamente, há uma valorização dos espaços que nele se configuram. Posto como inferior desde os tempos clássicos, ele só tinha importância à medida que se tornava o território da reprodução. No caso estudado, assume valor significativo enquanto meio de trabalho e, conseqüentemente, local por onde as catadoras perpassam do âmbito privado do lar para o público do trabalho remunerado. Em suma, as catadoras passam a questionar as teorias sexistas, até então, dubiamente alicerçadas na sociedade.

Considerações Finais

Os estudos de Gênero se fizeram imprescindíveis na análise de importantes pontos suscitados durante esse estudo. O primeiro deles fez referência à sua articulação com a categoria Trabalho – remunerado e aquele ligado ao âmbito privado do lar. Em relação às atividades desempenhadas pelas mulheres na Associação pesquisada foi avaliado o seguinte ponto: esse espaço de atuação profissional, historicamente ocupado por homens, tem se tornado, gradualmente, território de maior representatividade feminina, de modo a tornar-se o principal meio de sustento financeiro das mulheres entrevistadas e das famílias a elas vinculadas.

Esse aspecto assinala uma ruptura das marcas geradas pelas representações que, por muito tempo, conferiram o ambiente doméstico e o cuidado dos/as filhos/as como

atividades fundamentais voltadas aos sujeitos femininos. Por outro lado, o trabalho local na reciclagem, ao mesmo tempo em que tem permitido a essas mulheres uma maior participação na vida pública, ainda as têm envolvido nas esferas pautadas na divisão sexual do trabalho, uma vez que, foram constatados durante a pesquisa, os seus direcionamentos para a atividade com os recicláveis, devido às escassas possibilidades de emprego com melhores garantias de estabilidade e remuneração social, oferecidas em outros setores laborais do Município.

Nessa perspectiva, os estudos de gênero tornam-se uma categoria importante para o entendimento de como as sociedades e os sujeitos sociais construíram e decodificaram as diferenças entre os sexos. Todavia, como bem lembrou Sorj “nem tudo é uma questão de gênero” (Sorj, 1993, p.06). Ainda que o objeto de estudo tenha como linha principal as relações de gênero, faz-se ainda necessário trabalhar com outros conceitos como de raça e classe, que, em momentos variados, alertaram e conduziram importantes debates suscitados durante esse estudo.

Nesse contexto de divergências, as mulheres entrevistadas passam a atribuir ao corpo social um caráter de força, de maneira a não limitá-lo à zona erógena dos sexos, mas de torná-lo o principal instrumento de trabalho com os recicláveis e meio pelo qual elas perpassam de coadjuvantes da História para personagens e sujeitos centrais de sua escrita social.

Silva, L.C., Menegat, A.S. (2012) The Social Construction of the Bodies: Dialogues About Gender, Class and Race. *Revista de Psicologia da UNESP 11(1)*, 53-59.

Abstract: This research aims to present a brief analysis of the concepts elaborated and addressed to women's bodies in historiography based on the assumptions of gender, class and race. It seeks to demonstrate how History dealt with the bodies – biological and social – and the genders, in order to emphasize the traits that we have seen in certain periods of historiography to then seek the understanding of gender and power relations that permeate the work of the male and female members from a Recycling Association in the countryside of the state of São Paulo. The methodology is based on the gender theoretical and methodological contribution as well as on the analysis of interviews with women from the Association mentioned previously. Their speeches deal with the continuities, ruptures and resistances in working with recyclable items.

Key words: Class. Body. Race. Women. Gender and Power Relations.

Bibliografia

- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (2003). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DEL PRIORE, M. & PINSKY, C. B. (2006). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. (2000). Rio de Janeiro: GRAAL.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres* (2008). São Paulo: Contexto.
- RIBEIRO, M. Relações sociais nas pesquisas e processos sociais: em busca de visibilidade para as mulheres negras. In: VENTURI, G. & RECAMÁN, M. & OLIVEIRA, S. de. *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. (2004). São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- SAFFIOTI, H. I. B. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. (1976). Petrópolis: Vozes.
- SCOTT, J. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. (1995). *Educação e realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v.20, Jul/Dez.
- SORJ, B. Relações de gênero e teoria social. (1993). In: Encontro Anual da ANPOCS. *Comunicação Científica*. Caxambu (MG).
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. (1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Recebido: 10 de fevereiro de 2012.

Aprovado: 16 de abril de 2012.